



Já em 1920 dois homens sabiam — o cientista Rice (que tinha feito várias expedições pelo Amazonas) e o cineasta Silvino Santos. Mas a resposta era tão inacreditável — e ia ferir tanto o orgulho dos machos civilizados — que não se atreveram apenas a contar. Importaram da Alemanha um hidroavião e se embrenharam na selva para filmar *No Rastro de Eldorado*. Seus artistas principais, os guerreiros parintintins, donos do assustador algo mais. Depois disso, não se sabe o que aconteceu. Do Eldorado, só restam alguns fragmentos, muito bem guardados na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A recém-descoberta dessas poucas cenas deixou muita gente boquiaberta. E foram todos pesquisar para (talvez) provar a falsidade do que viam. O resultado está aqui para o Senhor — antes de ler prepare-se, porque ficou provado que a exuberância desses índios era tudo, menos ilusão de ótica.

O QUE OS ÍNDIOS TÊM QUE NÓS NÃO TEMOS?

Foi no início da década de 30, enfrentando mosquitos, piuns, carapanãs e mutucas, pois não se conhecia ainda repelex, que o professor Cirilo Kiernan, naturalista norte-americano, teve um encontro revelador. Era um desses dias especialmente calorentos, e o persistente naturalista fazia mais uma tentativa de entrar em contato com os ferozes Parintintins, no vale do rio Madeira, Estado do Amazonas.

As tentativas anteriores tinham sido frustrantes, e o professor só podia esperar o pior. Os Parintintins não queriam saber de brancos em seu território, e muitas vezes haviam sido cruéis com seringueiros e castanheiros. Numa curva fechada de um igarapé, Mr. Kiernan notou o alvoroço entre seus mateiros. Logo uma saraivada de flechas começou a cair, vinda de todos os lados. Os mateiros procuraram se esconder da melhor maneira possível, mas Mr. Kiernan, num acesso de nervos, começou a gritar e disparar sua Winchester indiscriminadamente. Atirava mal, e era a primeira vez que usava aquela arma. Quando voltou a si, encontrou-se no meio de uma clareira, cercado pelos mateiros. Os Parintintins haviam fugido e Mr. Kiernan sentia-se o próprio *bwana*. Todos os mateiros estavam ali a felicitá-lo pela presença de espírito, e um deles contou ao assustado professor, que dois dos emboscadores haviam sido abatidos. Mr. Kiernan sentiu-se um pouco decepcionado, queria um contato pacífico e não era partidário daquela política de que índio bom era índio morto. Foi examinar os corpos, não sem um certo mal-estar. Eram dois jovens guerreiros, aparentando vinte anos, de estatura por volta de

um metro e sessenta, fortes, enfim, dois belos rapazes que consternariam qualquer coração duro que os visse ali varados de bala. Porém, Mr. Kiernan não ficou consternado. Não que fôsse um coração de granito, mas porque toda a consternação se transformou em enorme surpresa, surpresa que seria ainda maior entre seus pares, no "Practioners' Club of Newark", em New Jersey.

Ao examinar os corpos dos Parintintins, Mr. Kiernan arregalou os olhos e sentiu-se tão diminuído que, não fôsse um espírito forte e de uma extrema dedicação à ciência, teria saído dali diretamente para o divã do psicanalista. Os dois jovens Parintintins possuíam as chamadas partes genitais tão desenvolvidas que humilhavam qualquer mortal. Mr. Kiernan, com as mãos trêmulas de evidente dedicação científica, como só um americano poderia ter, amputou as duas genitálias e guardou-as em frascos de formol, para exibi-las aos boquiabertos cientistas do Practioners' Club. Foi uma das reuniões mais excitantes desta nobre organização de New Jersey. Contou Mr. Kiernan que, ao examinar os corpos, sua atenção foi imediatamente atraída pela conformação desproporcional das peças. Os órgãos estavam atados à cintura por uma faixa de cipó fino e resistente, enrolada diversas vezes no ventre, formando um cinturão largo de quase quatro polegadas. Ao desatar a faixa, o que fez com sofreguidão, devido à evidente resistência do cipó, encontrou o órgão propriamente dito, que estava protegido por muitas dobras de uma fôlha, em forma de capa, e um cordão, amarrado na ponta, servindo para prendê-lo ao abdômen. Mr. Kiernan supôs que toda essa barreira servia para proteger o órgão dos assaltos de insetos, espinhos e fôlhas afiadas que se encontram bastante na selva amazônica e que destroem mesmo as roupas mais resistentes. Ao ser conservado no formol, o órgão, originariamente de 10 a 11 polegadas, havia encolhido um pouco, mas ainda assim suas dimensões anormais quanto ao comprimento e à grossura eram assustadoras. Devido à conformação da peça, muitos cientistas foram levados a indagar sobre a modalidade do coito, a respeito do qual Mr. Kiernan, baseado em suas pesquisas de campo, foi muito explícito. Segundo ele, que teve mais tarde a oportunidade de conviver com os Parintintins, a fisiologia do ato sexual era muito simples: "The Woman assumes

the up per position and maintains a close manipulation with her hand. Although no evidence on the subject has been obtained it appears as though the os uteri would rest upon the incline of the lower surface (becoming the upper position) of the callus, sliding down to impinge against the shoulder in which the preputial meatus is set”.

A desconformidade do órgão, era um evidente fenômeno de hipospádia, uma deformação artificialmente produzida com fins definidos. Os Parintintins, ou Cauaiua-Parintintins, são remanescentes da grande família Tupi — da qual ainda restam pelas matas amazônicas alguns representantes — carregada de violência, indomável e cheia de explosões de libido, sem os freios e prisões impostas pela civilização. São também os mais ferozes e não estão sujeitos ao senso moral dos guaranis, mais dóceis e pacíficos. Os parintintins, assim como todo o povo tupi, tinham a vida regida por um “Eros Vermelho”, assim como algumas tribos africanas eram regidas pelo “Eros Negro”. Esses selvagens, muito mais livres do que nós, não tomavam o sexo como um acontecimento, ou tabu, ou mesmo necessidade para perpetuar a espécie, mas uma atividade igual às outras, e que perdurava o tempo todo.

Muito se conhece das atividades sexuais dos tupis. Figuras importantes notaram essa peculiaridade cultural, muitas vezes atraídos pela sofisticação de alguns métodos, ou feridos pela aparência de aberrações, quando comparados com nossos padrões civilizados. Gabriel Soares, Alexandre Rodrigues, Anchieta, Lery, deixaram depoimentos importantíssimos a respeito desse povo, nos primeiros dias da colonização. Eles eram tão frenéticos, tão desinibidos, que faziam corar os debochados conquistadores lusitanos que ficavam tanto tempo sôzinhos no mar, ou desbravando as matas. Por isso, os tupis sempre foram os povos mais reprimidos, e nota Paulo Prado que, se os tupis tivessem sido menos refreados e tivéssemos recebido algumas de suas práticas em nossa cultura, hoje não seríamos tão “tristes”.

Em “Amáveis Selvagens”, um livro importante sobre um povo tupi, os Caá-Por, no Estado do Maranhão, Sir Francis Huxley escreveu sobre a vida sexual desses índios. O sexo-atividade era um conceito geral, tanto se manifestava na vida diária, como

participava em primeiro plano das aventuras galantes e guerreiras do herói MAIR, um herói tão cínico que deixa MACUMAÍMA como um humilde seminarista. Huxley também conta as aventuras de um personagem real, Saracacá, uma índia mal saída da adolescência, o melhor assunto da tribo, uma Messalina dos trópicos. Saracacá não permitia que nenhum homem passasse impune perto de sua rede e tinha uma grande piedade por Huxley que nunca lhe havia aceito um convite, o que a levava a concluir que o antropólogo sofresse de alguma deficiência.

Entre os tupis, poucas eram as formas sexuais consideradas reprecensíveis, imorais ou impróprias. Na grande maioria dos povos dessa cultura, o adultério era tolerado com bom humor e muita esportividade: apenas a masturbação era punida de forma cruel. O que era bastante lógico: já que o sexo era coletivo, uma atividade tão solitária seria sinal de desperdício e pouca sociabilidade. Numa das histórias parintintins, recolhidas por Nunes Pereira, no magnífico MORONGUETÁ, exaustiva recriação do mundo amazônico no estado selvagem, vemos um jovem, talvez marginalizado pela própria timidez, ser castigado pelo vício da masturbação. O jovem havia encontrado na mata umas pedras lisas e membros de diversos tamanhos. Guardou o achado em local secreto, e regularmente freqüentava o esconderijo para se dedicar a manipulações e gozos. Tanda-vu, um herói perverso, viu tudo. Preparou um mólho de pimenta e cinza de palha de inajá e deu um banho na coleção de objetos eróticos do môço. No outro dia, êle veio na hora de sempre, mas quando foi usá-los, sentiu suas partes em fogo e inchadas, tudo em carne viva. Numa sociedade sem propriedade privada, com rudimentos de divisão do trabalho, o adultério só poderia ser um esporte, com o casamento funcionando como um esquema propiciatório. Para os caá-por, segundo conta Huxley, os fornicadores adúlteros eram louvados como bons esportistas e castigados apenas depois da morte. Durante a vida, divertiam-se nas redes alheias; depois de mortos, metamorfoseavam-se em sapos e coaxavam em torno das aldeias. A julgar pelo número incontável de sapos a coaxar pelas noites amazônicas, chega-se à conclusão de que não existiu nenhum índio fiel. Quanto à transformação em sapos, em tudo parece menos um castigo do que

premiação, pois, se observarmos melhor, os sapos são criaturas extremamente libidinosas e muito mais insaciáveis do que os caracóis, eleitos por Remy de Gourmont, em “La Physique de L’Amour”, como exemplo do entusiasmo amoroso.

Os parintintins e os caá-por, possuíam uma vida erótica realmente digna de interpretações menos “civilizadas” e mais esclarecedoras. Em muitos momentos eles surpreenderam por atitudes tão elaboradas, por práticas tão pouco “selvagens” e sofisticadas, por um conjunto de narrativas eróticas tão rico, que rivalizavam com muitos povos do Ocidente ou do Oriente, notabilizados por grandes descobertas no campo dessa linguagem do corpo que é o amor. A descoberta de Mr. Kiernan foi a chave para os cientistas do Practioners’Club penetrarem num mundo inusitado. No extenso relatório apresentado no dia 5 de março de 1934, e publicado no “Medical Record” do mesmo ano, sob o título de “Parintintin Indian”, é o espírito de espanto que domina. Os parintintins, que tinham fama de cruza de costumes, transformam-se de repente em grandes faunos, justificando toda uma linguagem amazônica de superlativos como bem havia notado Levy Strauss.

Reunindo o relatório do surpreendido Mr. Kiernan com as observações de Curt Nimuendaju e Nunes Pereira, temos um quadro mais completo desse curiosíssimo povo, uma das tribos mais livres de tabus sexuais, verdadeiros libertinos das selvas, se tomados de uma perspectiva pouco permissiva. Entre os parintintins, a prática erótica tomava um espaço bastante grande na cultura geral e praticamente todas as outras atividades tornavam-se caudatárias dela em alguns momentos de arrebatamento. Como remanescentes dos eróticos tupis, eles eram de certo modo radicalizadores dessa adoração pansexual que tanto escandalizava os colonizadores portugueses, cúpidos, mas hipócritas. Os índios, em geral, são sempre francos, e isso desagradou sempre a nossa sensibilidade lusitana. O fenômeno de hipospádia artificial, evidente nos órgãos genitais recolhidos por Mr. Kiernan, era uma prática generalizada. Em determinada época da infância, os parintintins puxavam a pele superior do membro, que era reunida numa massa firmemente atada por uma envira, pela qual o membro



ficava suspenso. O resultado era que a pele do púbis avançava para a frente, revestindo de pêlos a superfície superior. A massa da pele tornava-se um calo. Nesse estado de contínua tensão, pressupunha-se um tratamento anatômico específico no processo de ereção. Quanto a isto, Mr. Kiernan não soube informar, apesar das exaustivas pesquisas *in loco*. No entanto, não havia a previsível aderência do revestimento interno da base da glândula, que impediria a ereção, a menos que a ligação fôsse desfeita por cirurgia. Os parintintins nunca tiveram problemas nesse sentido. Quando atingiam a puberdade, passavam a usar um estôjo, chamado "caá", feito de fôlhas de arumã ligadas por pontos de costura. Era um estôjo perfeito, amarrado com dois fios de algodão, de 25 a 49 centímetros, de fôlhas verdes e lisas que se ajustavam na pele de uma forma tal que era impossível tirá-lo sem desatar as duas amarras. No início, quando o jovem era inexperiente, o caá incomodava, mas êle resistia porque era também um sinal de imponente masculinidade — as dimensões exageradas sempre provocavam o efeito desejado e os índios, orgulhosos, dêle nunca se

separavam, a não ser para o banho e outras necessidade. O caá era tão importante que não se via um índio de mais de 12 anos sem êle, e os parintintins não escondiam seu desprezo pelo bárbaro indecente que era Mr. Kiernan, por andar nu dentro das calças.

Curt Nimuendaju, que esteve entre os parintintins antes do incidente de Mr. Kiernan, atribuiu ao caá a desconformidade dêesses índios. Com o depoimento mais acurado de Kiernan, ficou clara a existência de uma mutilação ritualesca, da mesma forma que algumas tribos africanas praticavam a circuncisão ou o alongamento da caixa craniana. Não se pode negar que era uma deformação originalíssima, praticada por um povo de fertilíssima imaginação erótica.

O que os índios Barés, antigos senhores do rio Negro, faziam na imaginação, através de seu herói cultural, PORONOMINARE (o grande devasso, que não respeitava nem gente nem bicho), os Parintintins realizavam na prática. E não havia limites para a invenção de novas peculiaridades: souberam sempre acompanhar

os folguedos com uma parafernália rica de drogas alucinantes, afrodisíacas e instrumentos, quase todos comprovadamente eficientes pela consagração do uso, mesmo entre os cablocos e civilizados, solitários moradores das barrancas do rio Madeira, que assim enfrentam as longas noites amazônicas.

Conta Nunes Pereira que, um dia, quando conversava com Cauaã, um Parintintin meio pacífico, em Três Casas, perguntou qual o afrodisíaco que êle mais apreciava. Cauaã respondeu com desdém que Nunes Pereira tomasse banhos repetidos com a seiva da palmeira inajá. Nunes, mais tarde, foi apurar a veracidade da receita e descobriu que o uso dêesse "afrodisíaco" provocaria uma irritação tão terrível quanto uma queimadura de 1.º grau. Cauaã tinha repetido as pilhérias e sarcasmos cruéis de seus heróis, Baira e Tanda-vu. Pilhérias que infelicitaram muitos lusitanos curiosos no século XVI. Atos de nacionalismo, diria Oswald de Andrade. Curt Nimuendaju revelou muitos fatos sôbre o comportamento sexual parintintin, num artigo publicado em 1924, no tomo XV do "Journal de la Socièté



des Americanistes de Paris". Em geral, os parintintins eram muito decorosos e as mulheres extremamente curiosas e tagarelas. Julien Huxley confirma essa observação em seu trabalho sobre os caá-por. Huxley, no capítulo sobre a jovem Saracacá, conta que foi através das mulheres que, na primeira semana de sua chegada, soube de tôdas as aventuras sexuais da aldeia. As mulheres estavam muito mais bem informadas que os homens, e qualquer caso de "surucação" era imediatamente comentado. Huxley não compreendia como um comportamento tão freqüente servia de pretexto para tantos mexericos. Os parintintins também se consumiam nessa preocupação e suas mulheres eram de uma curiosidade insaciável.

No pôsto do antigo Serviço de Proteção ao Índio, no município de Humaitá, Amazonas, era comum os banhos coletivos entre índios e brancos, nas águas do rio Maici, às margens do qual ficava a sede do pôsto. Os índios banhavam-se discretamente sem o caá, mas as índias não se contentavam em espiar, adoravam apalpar os trabalhadores do pôsto, de maneira inconveniente pa-

ra êsses homens proibidos por lei de manterem relações com elas. Os trabalhadores consideravam os parintintins licenciosos, e muitos dêles ficavam rubros ao verem alguns imitarem com gestos de bôca, particularidades do coito. Era comum os índios provocarem os trabalhadores, criando pantominas obscenas. À noite, as índias, solteiras ou casadas, metiam-se nas rêdes dos brancos, provocando-os a possuí-las. Nunes discorda dêsses depoimentos e informa que nunca foi provocado dessa maneira desenfreada, que faria a delícia de muitos lordes ingleses da era vitoriana.

Na verdade, os parintintins freqüentemente eram arrebatados por dêlirios eróticos, atravessando noites inteiras em manifestações das mais variadas, da flagelação ao homossexualismo, do crime à pedofilia, sem distinção de idade. No dia-a-dia, qualquer atividade servia de pretexto para algum casal de amantes se deitar sem a menor preocupação, sob os olhos de quem estivesse perto. O amor se fazia tanto no interior das casas como fora delas. Não tinham preferência por nenhuma posição específica, aliás, preferiam a que melhor combinasse no

momento, para um melhor desirute. Vez ou outra, desaparecia da tribo um casal, que procurava na mata um lugar tranqüilo para saciar o desejo. Erguiam um tapiri sumário de fôlhas de palmeira e ali ficavam, comendo algumas espigas de milho, peixe, bebendo cauim, até a exaustão física. Durante os embates, arranhavam-se mutuamente. Na volta, o número de lacerações era tomado como fator de grande *performance* do casal.

Mas entre os parintintins, era também comum o sexo grupal. O grande acontecimento nesse sentido era a "Dança da Vitória", mas até a simples colheita de ovos de tartaruga na praia, num ano de maior abundância, servia para improvisar uma bacanalzinha. No entanto, era a "Dança da Vitória" que propiciava as orgias mais espetaculares. Festa dos triunfos de uma raça, as bebidas de alta fermentação e as comidas eram preparadas com grande antecedência. Os homens e os cantores formavam uma roda e começavam a dançar, as mulheres então, aproximavam-se e, depois de escolherem o primeiro par da noite, seguravam o caá do companheiro e o agitavam no ritmo da música. Durante a

dança, eram consumidas grandes cuias de cauim, que ia aos poucos soltando os ânimos até o total conagração.

Em 1950, Nunes Pereira assistiu de longe uma dessas orgias. Chegando ao pôsto do SPI, ali não encontrou nenhum dos moradores, a não ser um velho tuxaua quase inválido. Perguntou pelo resto do pessoal e foi informado de que todos, homens, mulheres e crianças, haviam atravessado o rio para participarem de um “dabacuri”, festa de encontros tribais também conhecida pelo sugestivo nome de “Festa dos Venenos”.

Nunes Pereira pediu ao tuxaua para assistir à festa, mas foi impedido, pois nessas ocasiões os índios, embriagados pelo farto cauim e caxiri, alucinados pela mastigação de patu (cocaína), se entregavam a um desregramento tão completo que o assassinato se tornava prática comum. Nunes Pereira não se contentou com o aviso, mas também não querendo arriscar, esperou que a noite já fôsse alta e saiu numa canoa, com seu guia, um índio tariano que tremia como vara verde. Foram até uma ilhota próxima e de lá, sob a luz da lua, puderam observar uma faixa de praia. Homens e mulheres, cambaleantes, lutavam e gemiam como alucinados. Com os instintos livres pelas danças e bebidas, os homens disputavam algumas delas. O mais forte, ou o menos bêbado, geralmente ganhava e os outros pretendentes tinham que esperar a vez.

Se a “Dança da Vitória” tinha um cunho mítico, os “dabacuris” eram um costume nacional dos índios amazônicos, programados constantemente e freqüentados pelas tribos amigas. No “dabacuri” presenciado por Nunes Pereira, os índios comemoravam as proezas de Qoai, filho de Yapericuli, personagem faunesc, dono de um membro descomunal e de um desejo insaciável. Os “dabacuris” e as festas particulares de cada tribo eram regadas por um grande número de bebidas e frutas altamente fermentadas, pela mastigação do patu, aspirações de paricá (outro tóxico poderoso), consumo de cigarros de tabaco, por uma variedade imensa de pratos, cujas receitas faziam a delícia de muitos gastrônomos refinados, e pelo uso dos mais diversos afrodisíacos, entre os quais os mais importantes são: o guaraná, o miatã (Caesalpinia ferrea) e a famosa muirapuama (Ptychopetalum olacoides Benth). Sendo o sexo uma atividade ligada ao ciclo de reinvenção da vida, homens e mulheres

recorriam a práticas e forças mágicas para atraírem e excitarem o parceiro. Uma das práticas mais comuns era o uso de formigas merepetec, cujas ferroadas congestionavam e intumesciam os órgãos sexuais. Usavam também o pequeno tipiti, que, colocado à entrada da casa de quem queriam atrair, funcionava como cartão de visita e anunciador do pretendente. Em consequência, acreditavam que devido ao uso desse objeto seus sexos não conseguiriam se separar depois do ato, prolongando mágicamente os gozos. O mais interessante é que esse objeto, por parecer uma miniatura do tipiti, instrumento usado pelos índios para espremer a mandioca, foi durante muito tempo considerado pelos antropólogos como brinquedo de criança. Helmut Fuchs relacionou esse instrumento mágico com o tema da vagina dentada que aparece muitas vezes nos relatos selvagens. Pela forma cilíndrica, flexível e resistente, e pela possibilidade de imobilizar o indivíduo que se presta às manobras, é evidente que se trata de um símbolo dos órgãos genitais da mulher. A imensa farmácia crótica trabalhada pelos parintintins era o visível dessas forças mágicas. O afrodisíaco mais procurado era o eficientíssimo “canindé-poã-munhum”, hoje muito difundido entre os caboclos amazonenses e mesmo entre os civilizados, sob o nome de muirapuama ou mairipuama. Paul le Cointe, um dos grandes estudiosos da flora medicinal amazônica, conseguiu classificar esse milagroso vegetal. Verdadeira panacéia universal, suas raízes, como os órgãos sexuais humanos, são bem diferenciadas. Os índios as empregavam em consistências diversas para os seguintes males: paralisia, beribéri, reumatismo, astenias cardíacas e gastrintestinais. Eram também loção contra a queda do cabelo e anestésico para dor de dente. Remédio para tantos empregos, os índios estavam sempre às voltas com eles, o que poderia ser uma forma de encobrir o abuso desse afrodisíaco, se é que eles se preocupavam em acobertar coisa tão insignificante. Realmente a muirapuama é um tônico muscular extraordinário, cujo princípio ativo é um alcalóide notável para a astenia sexual. Outra droga conhecida dos índios era o “caapi”, um estupefaciente poderoso, capaz de levar ao nirvana qualquer hippy refratário. Conhecido cientificamente como “Banistera caapi Spruce”, era uma bebida obtida por decocção de uma liana e produzia ilusões óticas, alucinações,

excitação e, segundo alguns cientistas, até estados telepáticos. Não havendo pílulas anticoncepcionais, as índias usavam um eficiente abortivo, o “cumin-ipohani”, bebido em pequena quantidade durante os primeiros sinais de gravidez.

Mundo de representação, os parintintins como a maioria dos índios, estavam ainda no momento anterior ao pecado e entre eles a vida era a manifestação e a coincidência de tôdas as estruturas e significados. O sexo, portanto, era uma linguagem mais direta, envolvente, cuja ocupação original era reinventar a vida a cada instante, não havendo possibilidades para barreiras ou tabus. Homossexualismo, drogas, bebidas, assassinatos inesperados nos “dabacuris” tudo isso fazia parte dessa taciturna mágica vital. A partir da década de 20, durante a chamada “Pacificação dos Parintintins”, a decadência e a extinção começaram a eliminar esse ardente povo tupi. Resfriados, hepatites, doenças venéreas, varíola, pacotes de sal com estricnina e o convívio com os “civilizados” foram aos poucos dizimando e destrabalizando esses “selvagens”. A exuberância sexual parintintin logo adquiriu uma variante culturalmente mais elevada, a prostituição, mantida por um tuxaua caraxue, Piracatu, no sítio Arapucaia.

Hoje, restam ainda alguns representantes, sobrevivendo como caboclos pelas barracas do rio Madeira, trabalhando duro e sem as compensações do passado. Eles, que eram os selvagens inventores da vida, agora, civilizados, silenciosos, aprenderam que para viver conosco, deveriam esquecer essas originalidades, para se dedicarem a ocupações mais objetivas e finais, como a espera da morte e o acúmulo de propriedades. Anônimos que eram em seus “dabacuris”, devem ser agora Pedro, João, Maria, batizados numa minúscula sacristia colonial, por um sacerdote cujas palavras já estão nomeadas e cuja única esperança, como em Erza Pound, é a morte superada na ilusão de um volume de poesias de tôdas as épocas, traduzidas constantemente, mas guardado numa estante poeirenta.

Márcio Souza.